

A RELUTÂNCIA EM MANTER CONTATO BOCA-A-BOCA EM REANIMAÇÃO CÁRDIO-RESPIRATÓRIA. *Fabio M. Vieira, Túlio B. Hainzenreder, Natacha B. Toniazzi, Cristiano Dalmina, Luiz Carlos V. Severo Jr., Maurício Pimentel, Ramiro C. Degrazia, Maria Luiza A. Kallfelz, Alex G. Mello, Sharbel M. Boustany, Sílvia R. R. Vieira.* (NTRCR, HCPA/ Faculdade de Medicina, UFRGS)

A realização de reanimação boca-a-boca (RBB) pode resultar em troca de sangue e saliva entre a vítima e o socorrista. Isto confere um risco teórico para transmissão de doenças infecto-contagiosas. Conduzimos um estudo de corte transversal para avaliar atitudes em relação às manobras de reanimação em cenários extra-hospitalares. Estudantes de medicina (184) e médicos residentes (42) de nossa instituição foram inquiridos se manteriam contato boca-a-boca com vítimas em 9 diferentes cenários de parada cardio-respiratória. Ao passo que todos os médicos residentes e 98, 4% dos estudantes pesquisados manteriam contato boca-a-boca com parente ou amigo próximo, apenas 11, 9% dos médicos e 20, 7% dos estudantes o fariam em vítima desconhecida com sangue na boca. Em consonância, 81% destes realizariam tais manobras se dispusessem de um dispositivo que permitisse o não-contato com a boca da vítima. Preocupações a respeito de ventilação boca-a-boca parecem criar uma barreira substancial à realização de manobras de reanimação.